

ESCOLA ESTADUAL MARIA LINA DE JESUS

QUE HISTÓRIA É ESSA?

Desobediências epistêmicas em prol da luta decolonial

São José do Alegre, MG

2024

Kauã Emanuel Valentim de Bastos Pereira

Guilherme Cássio Carvalho Silva

Thayssa de Souza Gomes Costa

Luciana Nori de Macedo

QUE HISTÓRIA É ESSA?

Desobediências epistêmicas em prol da luta decolonial

Relatório apresentado à 8^a FEMIC – Feira Mineira de Iniciação Científica. Orientação da Professora Luciana Nori de Macedo.

São José do Alegre, MG

2024

RESUMO

O questionamento “Que história é essa?” inserido no título do trabalho visa instigar dúvidas que cerceiam nossa constituição histórica, problematizar acerca do multiculturalismo, decolonialidade e outros conceitos adjacentes. Este trabalho, configura uma pesquisa com experiência de divulgação científica que nos convida a conhecer um outro viés histórico, para além das narrativas oficialmente aceitas, nos convida a despertar do sono hipnótico que nos faz aceitar passivamente a história narrada pela perspectiva eurocêntrica. Pois acreditamos que fomentar saberes relativos à história do Brasil configura uma importante frente da luta decolonial, uma vez que favorece que outras “vozes” ecoem no processo de retratar acontecimentos históricos, onde povos que passaram por processos de opressão (como nós, brasileiros) possam ter seu espaço de fala restituído para participar ativamente das narrativas da própria história.

Percebemos que poucas vezes somos convidados a pensar de forma crítica sobre nossa constituição histórica. Quando afirmamos que “os povos indígenas” e “os afrodescendentes” precisam ter o direito de ocupar um *locus* de respeito na sociedade, cargos públicos, participação ativa na política, não nos questionamos sobre quem somos “nós”. Os colonizadores? Há incoerências que não podem continuar perpetrando no âmbito historiográfico sendo sempre mitigadas.

Objetivamos buscar caminhos para promover mudanças, questionar nossa história e ressignificar saberes. Concordamos com Paulo Freire quando este afirma que “mudar o mundo é tão difícil quanto possível”. (Freire, 2000, p. 20). Para tanto, nos propomos a fazer a nossa parte, dar nossa contribuição para mudar o mundo. Criamos um produto de divulgação científica composto por 80 cartões com pensamentos e questões problematizadoras que possam ser trabalhados em ambientes formais e não formais, isto é, em salas de aulas ou em outros espaços, como museus e casas de cultura.

Palavras-chave: Multiculturalismo, decolonialidade, divulgação científica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 JUSTIFICATIVA.....	9
3 OBJETIVOS	11
4 METODOLOGIA	11
5 RESULTADOS OBTIDOS.....	16
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	20

1 INTRODUÇÃO

A presente proposta de pesquisa visa ampliar nossa percepção acerca do conceito de decolonialidade, multiculturalismo e da busca pela resposta para a questão “Quem somos nós?” que neste contexto se propõe a empreender uma busca extenuante para a história que conhecemos e a ausência de sentido, que supostamente estaria relacionada ao projeto colonialista. No âmbito da busca por uma brasilidade, deveras difícil de explicar, observamos que apesar de termos deixado de ser colônia, vivemos como tal e alimentamos ideologias que nos encarceram, sem que ao menos percebamos o quão sério é para nossa constituição identitária não reconhecer a colonialidade, presente até os dias atuais.

É preciso ressignificar. Encontrar o sentido que falta para a construção de uma identidade nacional autêntica, de memórias que permeiam a construção do nosso ser. Não podemos permanecer alheios a uma narrativa histórica corrompida por relações de poder e acreditar que estamos de fato exercendo nossa cidadania e protagonismo.

Falar sobre o Multiculturalismo nos faz perpetrar um caminho de analíticas bastante amplas. Partindo deste conceito encontramos tantos outros que não se dissociam, mas ao contrário, interceptam uma teia conceitual que precisa ser mais conhecida, para que de fato possamos nos colocar como entes críticos e ativos de um corpo social que aspira e busca pela edificação de um mundo mais justo, de um modelo social mais igualitário e equitativo.

A quebra de paradigmas hegemônicos começa por uma tomada de consciência e a confiança de que é possível e necessário o desenvolvimento do senso crítico e do protagonismo para descolonizar o ser, o saber e o poder.

Nietzsche, na obra *Crepúsculo dos Ídolos* (1888), de forma leve e introdutória nos faz pensar sobre nossa cultura e sobre verdades estabelecidas, relações de poder, elegendo o martelo como uma maneira de filosofar. No entanto, poderíamos dizer que esta forma “leve” seria quase uma declaração de guerra, com tom agressivo e desafiador, sobretudo quando se tem em vista a estruturação dos ídolos em nossa formação histórica. Muitas vezes ocos por dentro, mas que sustentam uma resistência difícil de creditar. Diz Nietzsche, “O que no título se chama ‘Ídolo’ é simplesmente o que até agora se denominou verdade. *Crepúsculo dos Ídolos* – leia-se: adeus à velha verdade...” (Nietzsche, *Ecce Homo*).¹

¹ Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/produto/como-filosofar-com-o-martelo/>>. Acesso em: 02 set. 2024.

Subjaz uma crítica importante acerca da nossa história. Seria plausível questionar a verdade estabelecida como uma mentira? Ou, verdade para quem? Poderíamos ainda questionar nossa razão como profundamente irracional? A quem interessa a sustentação dos ídolos que historicamente nos fazem abdicar de nossa história, cidadania e protagonismo?

Para dialogar com Nietzsche, outro nome importante é Jacques Derrida (1930-2004) cujo conceito de desconstrução também tem sua origem na obra de Nietzsche,

O chamado de Nietzsche a uma “transvaloração de todos os valores” é uma antecipação da estratégia de ruptura da filosofia que Jacques Derrida chamou de desconstrução. Desconstrução é uma palavra de significado bastante incerto; é de fato indecidível. O próprio Derrida sugeriu que a desconstrução deveria ser descrita como uma *“suspeita contra o pensamento qual é a essência de?”*. Nesse sentido, é um ataque à tradição metafísica ocidental do *logocentrismo*, que busca um ponto fixo, único e atemporal de origem da verdade. Essa declaração de guerra tem seu precedente no “princípio da suspeita” de Nietzsche. (Gane, 2020, p.162).

Jacques Derrida contribui muito para pensarmos acerca da contemporaneidade em relação ao processo colonial e a necessidade da luta decolonial. Convivemos com uma polissemia de vozes e por alguns momentos parece claro que pensadores e intelectuais como os citados, não promovem de fato modificações importantes em cenário prático, mas a quem pertence esta ação? O movimento de fazer pensar é o princípio da ação. O exercício intelectual é também contributo importante para a mudança de paradigmas, assim como as ações de divulgação científica. Bebemos na fonte de teóricos e buscamos maneiras de divulgar de forma clara e dialógica.

Para a professora e filósofa Olgária Matos (Revista CULT, 2015), o pensamento antidogmático de Derrida se traduz na desconstrução. O filósofo Juvenal Savian Filho complementa que

[...] a desconstrução segundo Derrida seria o trabalho de dentro das unidades de sentido, de dentro dos textos, encontrar o princípio que os forma e que ao mesmo tempo, segundo ele diz, não são só princípios que fazem essas unidades surgirem, mas são também o princípio da ruína dessas unidades. Ruína no sentido de que, se eu identifico o princípio que forma essas unidades de sentido, eu também sou capaz de encontrar o ponto a partir do qual eu posso desconstruir essas mesmas unidades. (Revista CULT, 2015).

Vale ressaltar que, como posto por Juvenal Savian Filho, Derrida trabalha com a desconstrução, não com a destruição. É como se pudéssemos conhecer o processo para

“desmontar” e “remontar” com peças que faltam. Assim como posto pelo filósofo, também não almejamos uma descontinuidade histórica no âmbito da destruição, mas sim um processo de desconstrução. Uma desconstrução que possibilite a significação de fatos, uma decomposição de discursos, a inversão de hierarquias, a restituição do direito de ser protagonista da própria história. Sabemos que a perspectiva eurocêntrica não será extinta, e também não seria este o nosso propósito, mas almejamos que a nossa história tenha sentido para nós, que possamos verdadeiramente saber quem somos em uma narrativa que não seja imposta. É uma luta contra-hegemônica, o colonialismo é ainda um ídolo que nos aprisiona, um ídolo oco de sentido que ainda predomina em nossa constituição histórico-cultural. Reconhecemos que é um caminho denso, mas necessário.

Portanto, objetivamos uma percepção mais ampla, que não se limite ao espectro de um ponto de vista. Insta-se a preeminência de uma história narrada por nós, que nos represente enquanto nação, pois não podemos ser a voz do colonizador e confiar a eles a narrativa da nossa história, sobretudo quando esta corrompe e sufoca memórias e tradições que não correspondem ao que fora imposto no processo de colonização. Retomando a analítica da desconstrução, Jonathan Culler afirma que,

Desconstruir uma oposição é mostrar que ela não é natural e nem inevitável mas uma construção, produzida por discursos que se apoiam nela, e mostrar que ela é uma construção num trabalho de desconstrução que busca desmantelá-la e reinscrevê-la – isto é, não destruí-la mas dar-lhe uma estrutura e funcionamento diferentes (Culler, 1999, p.122).

Não podemos permitir que povos e tradições sejam apagados em detrimento de interesses, precisamos possibilitar visibilidade ao que está sendo escamoteado para debaixo do tapete historiográfico. É importante que reconheçamos que somos importantes agentes da nossa história e não apenas a plateia, que assiste e acata a encenação e retórica proferida sobre nós.

Utilizamos tal metáfora por ouvirmos de forma recorrente que precisamos assumir o papel do protagonista de nossa vida, em contraposição ao que seria o coadjuvante. No entanto, a analogia subjaz uma tentativa manipulada de fazer crer que temos dois caminhos: ou somos protagonistas ou coadjuvantes. Seriam apenas duas possibilidades? Não. Assumimos um papel de plateia quando acatamos sem participar minimamente. Somos

silenciados e apagados na própria história e defendemos a perspectiva do colonizador, idolatrado como detentor da verdade.

De acordo com o educador Rubem Alves, “Educar não é ensinar respostas, educar é ensinar a pensar,” (LOPES, 2009), no entanto, tradicionalmente recebemos, na escola, informações prontas acerca de uma historiografia que nos coloca como meros receptores de uma narrativa que pretende abarcar sumariamente a perspectiva do colonizador, subjugamos aspectos ontológicos e subjetividades que poderiam ser caminho de emancipação identitária. Mas o caminho mais cômodo é aceitar a colonialidade como mecanismo necessário para a modernidade. Ou melhor, Mito da modernidade.

Immanuel Kant em sua obra “Resposta à pergunta: o que é o Esclarecimento?”, corrobora para fundamentar a importância de uma emancipação, de ações protagonistas, que podem e devem ser fomentadas em processos formativos para mudar o comprometimento com o exercício da cidadania. De acordo com o filósofo,

Esclarecimento (*Aufklärung*) significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro. É a si próprio que se deve atribuir essa minoridade, uma vez que ela não resulta da falta de entendimento, mas da falta de resolução e de coragem necessárias para utilizar seu entendimento sem a tutela de outro. *Sapere aude!* Tenha a coragem de te servir de seu próprio entendimento, tal é portanto a divisa do Esclarecimento. (KANT, 1783, p. 1).

Não se trata de um exercício fácil sair do que Kant denomina minoridade, sobretudo porque temos na sociedade muitos que se encarregam de tutorar os demais. “É tão cômodo ser menor. Se possuo um livro que possui entendimento por mim, um diretor espiritual que possui consciência em meu lugar, um médico que decida acerca de meu regime, etc., não preciso eu mesmo esforçar-me.” (KANT, 1783, p. 1).

Precisamos perceber o que nos falta para exercer o senso crítico, e que este, por sua vez, estaciona em âmbito conceitual quando não aprendemos a nos colocar enquanto ser histórico, detentor de cultura e de saberes, em vez de apenas receber o que já está dado, definido, determinado por aqueles que ainda colonizam seres, saberes e poderes. Nas palavras de Paulo Freire, “se a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor”², e assim seguimos.

²FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011, 269.

O mito da modernidade surge para justificar a colonialidade, justificar o injustificável, o genocídio de povos originários, a escravização de pessoas tidas como “inferiores”, aceitar esta narrativa é concordar com uma sequência de fatos que deliberam sobre nós uma ausência de identidade. Não somos os colonizadores, mas tão pouco nos vemos como escravizados ou indígenas? Quem somos nós?

A luta decolonial irrompe como uma desobediência epistêmica na medida em que objetiva um despertar crítico que desestrutura a colonialidade, a pedra angular de nosso referido “padrão de poder”. E esta desobediência epistêmica encontra seu cerne no cotidiano escolar quando propomos ações educacionais contextualizadas, que, mediada pela prática científica, nos coloca como protagonistas, entes de um corpo social capaz de promover tais mudanças que se fazem necessárias.

2 JUSTIFICATIVA

Trabalhar o multiculturalismo de forma crítica impacta a necessidade de relacionar uma gama de conceitos que se interpõe conjecturalmente. Aliando as temáticas e buscando promover a prática de uma ontologia do presente, observamos que urge a promoção de uma inserção crítica atuante na formação básica para que possamos engendrar o exercício da cidadania e do protagonismo, fomentando ações que possam de fato culminar em uma mudança de mundo, pois soa em tom contraditório aceitar tudo que é imposto passivamente por uma naturalização de que as coisas são como são e não podem deixar de ser. Concordamos com o pensamento de Paulo Freire, quando este afirma que

Não gostaria de ser mulher ou homem se a impossibilidade de mudar o mundo fosse verdade objetiva que puramente se constatasse e em torno de que nada se pudesse discutir.

[...] A educação tem sentido porque o mundo não é necessariamente isto ou aquilo, porque os seres humanos são tão projetos quanto podem ter projetos para o mundo (Freire, 2000, p.20).

Diante desta contextualização e acreditando que podemos colaborar para uma mudança de paradigmas, cabe a cada um de nós tecer caminhos para que esta mudança não se torne algo utópico. De que modo poderíamos justificar uma inação posterior a tomada de consciência? Não podemos atenuar a ausência de compromisso quando o que se está em jogo é a nossa vida e a nossa história. Ser protagonista exige o esforço de sair da “falsa” zona de conforto que insistimos em acreditar que é nossa única opção, acreditamos pois

ainda precisamos ser descolonizados, pois o discurso dominante, etnocêntrico ainda exerce um peso elementar. Para tanto, seria relevante questionar “a quem interessa?” A quem interessa nossa falta de pertencimento e ausência de compromisso com o exercício da cidadania? A quem interessa que perpetremos em uma condição de colonizado e não conheçamos outras perspectivas que podem nos libertar de amarras colonialistas?

Quando falamos sobre a perspectiva formadora ser um modelo eminentemente eurocêntrico e que a colonialidade faz com que o colonizado reproduza uma cultura que não é dele, destituindo de significância sua formação, estamos diante de um problema de grandes proporções para a educação libertadora e crítica tão almejada. De acordo com Munanga (1988), no processo escolar,

[...] a memória que lhe inculcam não é a de seu povo; a história que lhe ensinam é outra; os ancestrais africanos são substituídos por gauleses e franceses de cabelos loiros e olhos azuis; os livros estudados lhe falam de um mundo totalmente estranho, da neve e do inverno que nunca viu, da história e da geografia das metrópoles; o mestre e a escola representam um universo muito diferente daquele que sempre a circundou (Munanga, 1988 *apud* Miranda, 2020, p. 86-87).

Para Paulo Freire, educar é uma experiência eminentemente humana e, como tal, “a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além dos conhecimentos dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento” (Freire, 2007, p.98). Algo bem maior que instruir para adquirir conteúdos.

Podemos perpetuar nossa ação no mundo ensinando e reproduzindo a lógica colonizadora ou podemos buscar caminhos que possibilitem uma libertação de amarras hegemônicas, que subjugam histórias, memórias e culturas.

Imbuídos do desejo de fazer nossa parte para mudar o mundo, para promover maior criticidade acerca da nossa postura e compromisso social, este trabalho se justifica por ser um material construído por estudantes da educação básica como um grito de libertação. Não podemos continuar conhecendo teorias que não podem ser de fato significadas ao menor exercício de racionalidade e pensamento crítico.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Promover caminhos para o estudo e reflexão sobre conceitos como o multiculturalismo, a decolonialidade e a valorização das diversidades, enfatizando a importância das lutas decoloniais para reconhecermos nosso protagonismo, nos assumindo como entes participativos do corpo social que sabe que pode construir um mundo melhor e mais justo, identificando caminhos, resgatando memórias e propondo soluções.

3.2 Objetivos específicos

- Identificar como se mostram presentes as ações protagonistas em espaços de formação para que possamos repensar caminhos que nos direcionem a possíveis mudanças que se façam necessárias para a formação de entes mais críticos e comprometidos com ações de cunho social;
- Promover o pensamento crítico acerca do que compreendemos como Decolonialidade e sua relação com a falta de compromisso protagonista, visando uma ressignificação de valores instituídos;
- Promover práticas de divulgação científica para colaborar com exercícios reflexivos que poderão ser chaves para as mudanças que almejamos ver no mundo;
- Desenvolver habilidades de comunicação e criatividade no desenvolvimento de produtos pedagógicos, tendo em vista a formação e a conscientização de forma lúdica e eficiente;

4 METODOLOGIA

O desenvolvimento do projeto foi permeado por diversos questionamentos que surgiam no processo de tentar responder questões postas em foco. Iniciamos um trabalho investigativo acerca do multiculturalismo, e outros temas transversais foram surgindo em rodas de conversa sobre o sentido do conceito supracitado frente ao protagonismo e adequação real do senso crítico. Percorrendo análises dos documentários *Holocausto*

Brasileiro³, *Em Nome da Razão*⁴ e *O menino 23*⁵, realizamos pesquisas com o foco na problematização da história do Brasil e em que medida pesa o massacre de subjetividades desde o momento da invasão europeia. Seriam os fatos históricos uma sequência narrativa consolidada ou ela pode ser conhecida de forma distinta? Seria plausível uma ressignificação?

Após uma imersão em conceitos que se mostravam arraigados ao multiculturalismo e uma observação atenta acerca do processo educacional, passamos a almejar cada vez mais que nossa pesquisa pudesse contribuir para uma libertação de amarras que limitam nossas ações. Não aprendemos de fato a ser protagonistas. É como se o mundo já estivesse posto de forma que nada pudesse ser feito para promover mudanças.

No desenvolvimento desse processo de significações, surgiu a necessidade de propagar saberes. Na busca por uma opção de ferramenta de divulgação científica, surge o Multi +, que inicialmente seria um jogo, mas com o desenvolvimento de leituras, pesquisas e práticas dialógicas em grupos focais, foi repensado, tornando-se o projeto do que denominamos “livro-caixa”, uma mistura de jogo com livro, inspirado no material da editora matrix “Vamos falar de Racismo?”

A mudança parece pequena e na realidade é, uma vez que o objetivo de problematizar se manteve, mas mudou o conceito que objetivava o desenvolvimento do produto. Um jogo precisa ter regras objetivas, claramente colocadas, delimitar maneiras de utilização. Já o livro na caixinha, em cartas, permitiria uma liberdade a qual jugamos importante, para o mediador, que poderia fazer a utilização de parte das cartas ou de todas elas. Trabalhar por temas, de forma isolada ou contextualizar todos os temas em uma conjectura única.

Há uma polissemia de vozes que ecoam quando tratamos do multiculturalismo. Não sabemos como cada um perceberá a relação com os outros temas trabalhados. Buscamos

3 Holocausto Brasileiro – Documentário Completo [HD]. Direção: Armando Mendz e Daniela Arbex, 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/jIentTu8nc4?si=0gFBzBXSFvavCyDZ>>. Acesso em: 02 mar. 2024.

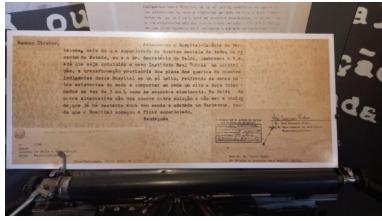
4 Em Nome da Razão – Qiema Filmes, 1979. Direção e Roteiro Helvécio Ratton. Disponível em: <<https://youtu.be/cvjjyjwI4G9c?si=kvg02-bwk7zvyA78>>. Acesso em 02 mar. 2024.

5 O Menino 23 – Infâncias perdidas. Direção Belisário Franca; Roteiro Belisário Franca e Bianca Lenti; Produção: Maria Carneiro da Cunha e Lia Rezende. Giros audiovisual/ Globo filmes. Disponível em: <<https://youtu.be/7wHNxOohoPA?si=1BKhlXh3iJomWiTg>>. Acesso em: 15 mar. 2024.

com o Multi + uma forma de contextualizar os temas, mas também respeitar o processo de significação de cada um.

Estudamos artigos, documentários, músicas, realizamos grupos focais, com mediação da professora-orientadora, uma viagem formativa à São João del-Rei e Barbacena, e também realizamos exercícios de práticas comunicativas e dialógicas e de práticas de escrita, leitura e interpretação.

Um pouco sobre a visita ao museu da loucura:

		
<p>Observamos uma imagem dos azulões, os uniformes utilizados no Hospital Colônia, que eram sinônimo da perda de identidade. Muitas vezes os pacientes eram vistos pelados, pois recebiam um único uniforme, não tendo o que vestir quando estes eram lavados.</p>	<p>Oficialização de um momento de desumanidade. Tiram-se as camas e os pacientes passam a dormir no chão em colchões de capim, com formigas. Motivo oficial: Superlotação. Mas trata-se de uma conduta eugênica.</p>	<p>Quando estudamos o documentário “Em nome da razão” questionamos “Quem são os loucos?” Seriam os lúcidos mais perigoso? Loucos são aqueles que se veem alheios ao todo. O museu da loucura é “solo sagrado”. Fonte de pesquisa sobre nossa história.</p>

		
<p>A LOBOTOMIA</p> <p>Configurava um tipo de neurocirurgia realizada no cérebro.</p> <p><u>Conceito principal:</u> Corte nas ligações dos lobos frontais ou córtex pré-frontal com o resto do cérebro para acalmar as emoções e estabilizar personalidades, sem alterar a inteligência e funções motoras. O Córtex pré-frontal cumpre as funções executivas (tomadas de decisões, planejamentos, raciocínio, compreensão, expressão de personalidade, criatividade e comportamento).</p> <p><u>Cortar o Branco:</u> O cérebro é composto por dois tipos de massa. A massa cinzenta e a branca. A massa</p>		

cinzenta inclui os neurônios. A massa branca compreende as fibras nervosas, que ligam as áreas da massa cinzenta e conduzem as mensagens entre elas através de impulsos elétricos. Então, uma lobotomia era feita para separar a massa branca entre as diferentes áreas da massa cinzenta. Outro nome para a lobotomia era *leucotomia*, ou cortar o branco.

A sala da exposição no museu é bem pequena. Nela ouvimos o som de um coração batendo com a intenção de nos remeter à sensação que o paciente tinha antes de passar por uma lobotomia.

As primeiras lobotomias eram feitas pela equipe do neurologista português Antônio Egas Moniz (1874-1955) Eles abriam orifícios no crânio nos dois lados do córtex pré-frontal e injetavam álcool nas fibras conectivas para destruí-las. A técnica rendeu-lhe o prêmio Nobel de Medicina de 1947. Foi utilizada no Brasil. Inclusive no Hospital Colônia de Barbacena.



A LUTA ANTIMANICOMIAL

O Cavalo azul é uma representação de um marco da luta antimanicomial na Itália, quando o médico neurologista Franco Basaglia organizou no hospital de Trieste uma manifestação festiva para mostrar a transformação do modelo assistencial e provar que o temor da periculosidade da loucura não tem fundamento. Nas oficinas artísticas do hospital, os usuários construíram um enorme cavalo azul que ficava no espaço da instituição;

Na imagem seguinte temos diversas publicidades e campanhas importantes pela luta antimanicomial. Em seguida uma forte representação de paciente encarcerado, algo visto como (terapêutico?) forma de conter a loucura... (Loucura de quem?). E por fim, com grande simbolismo, temos uma lápide com o texto escrito pelo médico e historiador João Amilcar Salgado. Onde temos uma provocação que ecoa de forma atemporal, todo processo de desenvolvimento humano foi feito estruturado para a evolução da sociedade, dos seres humanos, o uso da razão, direitos humanos, a consciência e civilização, sempre, exceto para os loucos. Quem são os loucos? Os indesejados sociais! Quem joga? As classes dominantes. Nossos ídolos ocos.

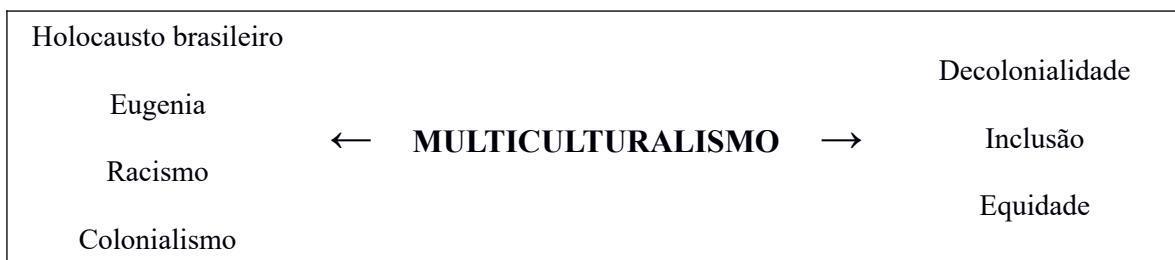
Inicialmente nos propusemos a desenvolver outras duas ações: uma de extensão com a comunidade, que seria algo como “de carona com a ciência” ou “com a história”. Onde o objetivo perpassava um contato com a empresa de ônibus intermunicipal para divulgar de formas dinâmicas e didáticas assuntos importantes relativos ao

multiculturalismo. A outra ação pensada foi o PodCast aos moldes do programa Provocações. Sobre este não chegamos a desenvolver, mas idealizamos que fosse um programa mensal que pudesse contar com convidados pesquisadores em áreas específicas para aprofundar diálogos sobre temas como, por exemplo, “a felicidade”, “a liberdade”, “a razão e a loucura”. Sempre fomentando mais questionamentos que respostas, fazendo pensar.

Como iniciamos com o desenvolvimento do projeto do jogo, optamos por focar em um produto, não menos importante, e deixar os demais para um momento futuro. Temos como meta dar sequência nos outros projetos, apenas tendo o foco centrado em um de cada vez.

O desenvolvimento do livro-caixa também sofreu alterações importantes, considerando o que foi pensado inicialmente. Seriam questões curtas, mais diretas. No entanto, no processo de criação não havia como deixar tantas informações de fora. As cartas passaram a contar com textos-base e problemas para refletir, daí a necessidade de mudança no planejamento inicial.

Quando elencamos os temas que seriam abordados e os ordenamos, diversas cartas estavam já idealizadas, mas esta organização foi fundamental para a criação e finalização da proposta. Foi o momento que passamos a enxergar de fato o que estávamos construindo e o caminho que seria percorrido. Assim elencamos:



Observe que há um destaque para o conceito central: o multiculturalismo. Colocamos este com destaque pelo fato de ter sido o nosso marco, o nosso ponto inicial. Acreditamos que do colonialismo confluíram diversos problemas sociais brasileiros, dentre os quais destacamos o racismo, as práticas eugenéticas e o holocausto brasileiro. Mas no outro extremo, observamos conceitos que podem configurar caminhos para solucionar, ao menos em partes, tais problemas. O enfrentamento da luta decolonial merece destaque por

impactar uma tomada de consciência, o que consequentemente nos direcionará para a construção de uma realidade mais inclusiva e equitativa.

5 RESULTADOS OBTIDOS

Desenvolvemos um material pedagógico como opção para disseminar saberes e propagar uma perspectiva crítica sobre a história narrada. Chamando a atenção do leitor e/ou mediador para a nossa parcela de responsabilidade frente aos problemas questionados. Será que realmente a mudança estaria tão distante de nós? Será que nossas ações corriqueiras são realmente tão pequenas, a ponto de não gerar qualquer impacto no cenário histórico? Questionamos diversas vezes sobre a nossa responsabilidade, pois é muito comum aprendermos a apontar problemas, no entanto, não é algo corriqueiro a busca de implementação de ações práticas que nos tirem da nossa falsa zona de conforto, que nos faz acreditar que estamos alheios a muitas questões de grande amplitude social.

5.1 MULTI +

Inspirado no livro caixinha “*Vamos falar de racismo*” da editora Matrix, Multi + configura um produto educativo fruto de um processo de pesquisa científica desenvolvido com estudantes da educação básica, do 1º e 2º ano do Ensino Médio. O material é composto por 80 cartas com pensamentos e questões problematizadoras, que nos convidam a refletir sobre os temas holocausto brasileiro, eugenio, racismo, colonialismo, multiculturalismo, decolonialidade, inclusão e equidade, construídas após diversas pesquisas em atividades de iniciação científica.

O processo de criação do livro-caixa Multi + foi longo e intenso, considerando a densidade das reflexões propostas em grupos focais e estudos de materiais diversos. Falhamos ao não guardar tais rascunhos, pois estes foram feitos algumas vezes em cadernos ou folhas de rascunho, e outras vezes em documentos no computador, que foram reeditados, mas configurou um processo muito rico de significações. A cada leitura surgia a necessidade de novas pesquisas para compreender conceitos que ainda não haviam sido devidamente estudados, e a cada conceito crescia a teia de significados que tecíamos sobre o multiculturalismo e temáticas transversais. A problemática ganhava corpo e nos mostrava o quanto ainda era preciso estudar para estruturar a proposta do material pedagógico.

E como representar? Como seriam postas as cartas? Elaboramos uma arte para as cartas com o nome idealizado: Multi + que representa o Multiculturalismo e mais outros conceitos que estão inter-relacionados.

Ao lado temos as primeiras artes. Idealizamos as cartas numeradas para delimitá-las por temas, uma vez que faríamos 10 cartas para cada um dos temas escolhidos. Também é perceptível que neste momento ainda constava nas cartas a referência de que se tratava de um livro-caixa sobre multiculturalismo, o que mudou posteriormente.



Após outros estudos, a carta passou a contar no verso apenas com a inscrição “Multi +”. A numeração continuou a ser adotada, mas ao lado interno das cartas, uma vez que optamos por disponibilizar o material para que fosse impresso ou para ser utilizado em formato digital, sendo importante para isso que a numeração acompanhasse as questões.

O livro-caixa Multi + está organizado da seguinte forma:

- | | | |
|-------------|---|-----------------------|
| 10 questões | → | Holocausto brasileiro |
| 10 questões | → | Eugenio |
| 10 questões | → | Racismo |
| 10 questões | → | Colonialismo |
| 10 questões | → | Multiculturalismo |
| 10 questões | → | Decolonialidade |
| 10 questões | → | Inclusão |
| 10 questões | → | Equidade |



O material produzido encontra-se disponível para acesso (veja aqui: https://drive.google.com/drive/folders/1obxCpJpODtOL6GOO5ad71fFBZ9TO80GL?usp=drive_link) tendo a opção de projetar as cartas, para utilizá-las de forma digital ou para impressão, no outro arquivo, pronto para gráfica (já com linhas de corte, onde a última carta corresponde ao verso de todas as cartas).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A utopia está lá no horizonte.
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.
Para que serve a Utopia?
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.
(Eduardo Galeano).*

A História do Brasil é permeada de construções fictícias que nos fazem conhecer fatos pela perspectiva eurocêntrica e desconhecer diversos acontecimentos que são “varridos para debaixo do tapete historiográfico”. O primeiro passo para mudar este cenário é promover a difusão de reflexões acerca da nossa formação enquanto nação multicultural, diversa e portadora de culturas, histórias e memórias que não tem início no momento da invasão europeia.

Eduardo Galeano mobiliza nosso pensamento com a citação supracitada: Seria então a utopia que nos alimenta e nos possibilita disposição para nunca deixar de acreditar nas possibilidades de mudança? E quando nos deparamos com ficções distópicas futurísticas e percebemos que está cada vez mais fácil comparar com a nossa realidade? Poderíamos afirmar que vivemos uma situação distópica? Continuaremos caminhando para elas sem nada fazer?

Com o desenvolvimento desta pesquisa percebemos o quanto ainda precisamos trabalhar para uma implementação real das ações protagonistas, é notório que a ausência de senso crítico, perceptível em âmbito formativo e na sociedade como um todo, não apenas compromete como acaba sendo gerador desta ausência de responsabilidades que carregamos enquanto nação. Isso pode e precisa mudar, não almejamos seguir uma receita (imposição), mas uma libertação de amarras, uma libertação da adoração de ídolos que não nos representam.

O exercício de divulgação científica esteve a todo tempo associado às práticas de comunicação. Realizamos experiências de promover a comunicação acerca da temática por intermédio do Multi + na escola, em uma conversa com o Professor João Ricardo Neves da Silva, da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) e em apresentação na 25º Feira de

Iniciação Científica UFMG Jovem. Foram exercícios que nos possibilitaram ampliar nossa percepção de processos de significação distintos, que por sua vez, amplificaram experiências dialógicas com público diverso.

Nos propusemos a construir um produto pedagógico e assim fizemos, também nos propusemos a realizar práticas de divulgação científica e amplificar nossas habilidades dialógicas, e estamos percorrendo estes caminhos. Almejamos ser a voz da resistência e descolonizar, para enfim ter a possibilidade de conhecer a nossa história e cultura, participando ativamente de sua construção.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Culturas populares e a luta decolonial. XV ENECULT/ Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura/ UFBA. v.1, 2019. ISSN 2318-4035.

Disponível em:

<https://www.cult.ufba.br/eneicult/wp-content/uploads/2021/04/ATUALIZADO_ANAIS_2019_XV-ENECULT.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2024.

ÁVILA, Milena Abreu. Colonialidade e Decolonialidade: você conhece esses conceitos? Publicado em: 19/03/2021. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/colonialidade-e-decolonialidade/>>. Acesso em: 02 jun. 2024.

BARBOSA, Alexandre. O que é decolonialismo? Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/noticias/o-que-e-decolonialismo-por-alexandre-barbosa>>. Acesso em: 05 jul. 2024.

CULLER, Jonathan. Teoria Literária: Uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática educativa. 35º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GANE, Laurence. Nietzsche: um guia gráfico. Ilustrações de Piero; Tradução de Betriz Medina. Rio de Janeiro: Sextente, 2020.

GONTIJO, José Guilherme Godoy. Será que é só a história do mundo que se repete? Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/sera-que-e-so-a-historia-do-mundo-que-se-repete/476370935>>. Acesso em: 08 jul. 2024.7

LOPES, Raimundo Antonio de Souza. Educar e Ensinar: A difícil missão. In: Recanto das Letras. Enviado em 28/06/2009. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/1671325>>. Acesso em 4 de julho de 2022.

MIRANDA, Eduardo O. Corpo-território & Educação Decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: Edufba, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos Ídolos. Companhia das letras. Tradução, notas e postácio de Paulo César de Souza. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6569490/mod_resource/content/1/Crep%C3%BCsculo%20dos%20%C3%Addolos%20-%20Ou%20como%20se%20filosofa%20com%20o%20martelo.pdf>. Acesso em: 12 set. 2024.

Que história é essa?

Desobediências epistêmicas em prol da luta decolonial



8ª Feira Mineira de Iniciação Científica

Revista CULT. Jacques Derrida. Dossiê Jacques Derrida com os filósofos Juvenal Savian Filho e Olgária Matos a respeito da obra de Jacques Derrida, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JstTXJMbb-0>>. Acesso em: 7 abr. 2022.